

João Batista e Jesus

Jakob van Bruggen

6.1. João Batista

Desde o início, João, o filho de Zacarias e Isabel, foi marcado como o homem que precederia o prometido Salvador. Depois do ministério de João, o próprio Messias deveria ser esperado. Assim, João faz parte da história de Jesus.

Quando da anunciação do nascimento de João, o anjo Gabriel disse ao sacerdote Zacarias que o filho que lhe fosse dado iria adiante do Senhor “para habilitar para o Senhor um povo preparado” (Lc 1.16,17). E depois do nascimento de João, Zacarias profetizou pelo Espírito Santo: “Tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos” (Lc 1.76).

João viveu no deserto, longe das pessoas, até que chegou o dia em que ele seria apresentado a Israel como um profeta (Lc 1.80). A apresentação oficial veio da parte de Deus no décimo quinto ano do reinado de Tibério, quando a palavra de Deus veio a João no deserto (Lc 3.1,2). A partir desse momento, ele falou a toda Israel — um verdadeiro profeta do deserto, com a aparência e a mensagem de um mensageiro do arrependimento: Arrepentam-se, convertam-se! O motivo para o seu apelo era que o reino de Deus estava próximo. O Rei estava para chegar. Para todos está claro que a esperança ansiosa se concentrava numa pessoa:

João falava sobre alguém que viria depois dele. A grandeza da esperança do futuro tinha tudo a ver com a majestade daquele que estava vindo. João não se considerava digno de ser nem mesmo o mais humilde servo dessa pessoa nem de desatar as correias das suas sandálias. A estatura dela era sobre-humana. Tratava-se do próprio Deus, pois enquanto João batizava com água, ele batizaria com o Espírito Santo. E somente o próprio Deus poderia derramar o Espírito sobre seu povo, como já tinha sido prometido pelos profetas quando falavam da era messiânica que viria.

A enorme afluência do povo para o batismo de arrependimento, no Jordão, com a expectativa da anistia geral para pecadores, levou a reações críticas de Jerusalém. Uma comissão foi enviada para investigar. Eles perguntaram a João quem ele era, mas João recusava qualquer título para si mesmo. Nem mesmo se colocou no mesmo nível de Elias, embora de fato ele fosse o prometido Elias, o precursor do Senhor. O seu testemunho apontava para fora de si. Com ajuda de Isaías 40, ele se caracterizava como a voz do que clama no deserto: “Preparai o caminho do Senhor!” Mais uma vez, João anuncia a vinda do próprio Senhor (Jo 1.19-28). Essa conversa aconteceu em Betânia, do outro lado do Jordão, o primeiro lugar onde João batizou.

6.2. O Batismo de Jesus

Nessa Betânia do outro lado do Jordão, Jesus também foi batizado (ver Jo 1.28-34). Jesus partiu de Nazaré, na Galiléia, quando todo o povo aglomerava-se para ouvir João (Lc 3.21,22; Mc 1.9-11). É compreensível que o profeta, inicialmente, se recusasse a batizar Jesus— porque sabia que era inferior a ele (Mt 3.13-17). Quando, por ordem de Jesus, o batismo foi realizado e Jesus assim mostrou-se solidário com o povo pecaminoso, o céu se abriu, O Espírito desceu na forma de uma pomba e uma voz chamou Jesus de o filho em que Deus se comprazia.

Para João, essa foi uma experiência grandiosa. Mais tarde ele conversou sobre isso com seus discípulos, acrescentando um outro elemento ao seu testemunho. Ele já tinha dito que a pessoa que viria depois dele existia antes dele mesmo: o próprio Deus! Mas quando Jesus mergulhou no Jordão e o Espírito desceu na forma de urna pomba, João recebeu um entendimento mais profundo. Ele, agora, chama Jesus de o “Cordeiro de Deus” — o filho de Deus era o cordeiro para o sacrifício que Deus providenciaria para a anistia geral de pecadores que se arrependessem e cressem (Jo 1.29-36).

Depois que o Espírito desceu, ficou imediatamente claro que seu caminho na terra seria marcado pelo sofrimento e pela tentação. Logo depois do batismo, o Espírito levou Jesus diretamente ao deserto para que fosse tentado por Satanás como um ser humano impotente (Mt 4.1-11; Lc 4.1-13).

6.3. O Primeiro Aparecimento de Jesus

O ministério da pregação de Jesus começou depois que João foi preso e Jesus foi para a Galiléia. Mas entre o seu batismo e a prisão de João houve um período de nove meses a um ano em que João (com seus discípulos) continuou com seu ministério, enquanto também Jesus já estava aparecendo publicamente fazendo sinais (ver seção 3.3). E o evangelista João que conta alguma coisa a mais sobre esse período intermediário.

Quando lemos João 1—4 notamos o fato de que todos os acontecimentos e conversas nesses capítulos são coloridos pela comparação entre João e Jesus. O evangelista segue o exemplo de João Batista, que apontava para Jesus, dizendo que Jesus era maior do que ele mesmo, assim fazendo com que um grande número de seus discípulos começasse seguir a Jesus. Considerando as grandes expectativas que João tinha evocado entre as pessoas, Jesus parecia ser bastante inadequado: um homem de Nazaré. Contudo, os discípulos de João que o acompanhavam descobriram logo que ele era divinamente onisciente de longe ele vê Natanael sentado debaixo da figueira e sonda o coração desse israelita (Jo 1.44-52).

O primeiro sinal realizado por Jesus foi o milagre com o vinho em Caná da Galiléia (Jo 2.1-11). Novamente vemos uma relação com João. Depois do profeta do arrependimento veio aquele que traria a celebração da festa do casamento. A escala de sua obra excedia, em muito, as necessidades de uma festa rural. A água — o elemento de João — transforma-se em vinho bom. Esse foi o início dos sinais: com Jesus a festa da redenção começa!

Na visita seguinte a Jerusalém, por motivo da Páscoa, Jesus expulsou do templo todos os animais que estavam sendo vendidos para serem sacrificados, “o zelo pela casa de Deus o consumirá”. João havia entendido que Jesus era o Cordeiro de Deus. Jesus dispersa todos os outros animais sacrificiais, pois agora ele tinha vindo para construir o templo celestial por meio da sua própria morte (Jo 2.13-25).

A conversa com o fariseu Nicodemos, que tinha ficado impressionado com os sinais feitos por Jesus, tinha também a ver com a transição de João para Jesus. O profeta do arrependimento batizava com água, mas prometia o batismo com o Espírito Santo. Jesus afirma esta promessa: para entrar no anunciado reino de Deus, devia-se nascer da água e do Espírito (Jo 3.5). E essa porta salvadora para o reino seria aberta por Jesus depois de sua exaltação. Foi para isso que Deus, por amor a este mundo, enviou o seu filho, para que todo aquele que nele cresse não perecesse, mas tivesse a vida eterna (Jo 3.16).

João, o evangelista, fecha o círculo dos acontecimentos selecionados com o próprio João Batista. Este estava batizando em Enom, perto de Salim. Mas também os discípulos de Jesus batizavam e eles estavam atraindo mais seguidores do que João. Vendo isso, os discípulos foram a João e o questionaram sobre isso. Novamente João provou ser o profeta que anunciaava a vinda do Senhor. O amigo do noivo alegra-se quando ouve a voz do noivo. Jesus devia crescer e João diminuir, pois Jesus tinha vindo do céu e tinha sido enviado por Deus para dar vida eterna (Jo 3.22-3 6).

Sabemos muito pouco sobre esse intervalo entre o batismo de Jesus e o seu ministério na Galiléia. Nesse tempo ele já tinha se tornado bastante conhecido. As multidões que vinham para vê-lo e a seus discípulos aumentavam. Os milagres que ele fazia impressionavam e chamavam a atenção, até mesmo na Galiléia. Nos primeiros três evangelhos, esse período intermediário recebe pouca atenção quando comparado ao período seguinte. Mas João o ressalta. Esse período, no qual tanto Jesus quanto João exerceram o seu ministério em público, permite que percebamos com muita clareza que existia uma ligação bastante estreita entre esses dois homens. Ele foi, por assim dizer, uma passagem de bastão. O ato de batizar ligava os discípulos de João aos de Jesus. O testemunho do grande profeta estabelece um vínculo entre os seus discípulos e o Cordeiro de Deus. As próprias palavras e os sinais de Jesus também mostram uma conexão deliberada com João. Quando Jesus, depois da prisão de João, começou seu ministério como aquele que viria depois de João, ele não agiu como um usurpador, mas como aquele que João Batista conhecia e esperava.

6.4. A Purificação do Templo

Há um episódio nesse período que — do ponto de vista histórico — exige um pouco mais de atenção. É a história sobre a ida de Jesus ao templo durante urna festa da Páscoa, quando ele disse as bem conhecidas palavras: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (Jo 2.13-25).

Nos três primeiros evangelhos encontramos a purificação do templo no final do ministério de Jesus, marcando o início de sua última estada em Jerusalém depois da sua entrada triunfal (Mt 2.12-17; Mc 11.15-19; Lc 19.45-48). João nada diz sobre esse acontecimento. Ou será que ele o transferiu para o início do seu evangelho, para servir como introdução temática? Muitos estudiosos respondem essa pergunta de modo afirmativo. Alguns deles aproveitam a oportunidade e usam esse dado para mostrar o quanto a narrativa de João é não-histórica: ele passa a impressão de que a purificação do templo aconteceu no começo do ministério de Jesus, quando na realidade ela aconteceu no final. Ao mesmo tempo, esses estudiosos acrescentam que não pode ter havido duas purificações do templo, uma no começo e outra no final do ministério de Jesus. Quem quer que aceite que deve ter havido dois acontecimentos semelhantes, assim argumentam esses estudiosos, simplesmente mostra como a harmonização deixa de fazer justiça à natureza individual de cada um dos evangelhos. Os evangelhos devem ser udos como testemunhos e não como relatos de acontecimentos, eles insistem e, assim, não há problema se João decide colocar a purificação do templo em outra ocasião. Porém, quem lê os evangelhos como História fica confuso a respeito dos evangelhos como simples testemunhos e chega à conclusão de que houve duas purificações do templo. Como muitas vezes essa questão é tratada como um típico exemplo do caráter não-histórico dos evangelhos, ela merece um exame mais profundo.

E perfeitamente possível que um autor tenha escolhido destacar um certo acontecimento na sua narrativa tratando-a fora do desenvolvimento cronológico da narrativa, mas João claramente está dizendo que a purificação do templo descrita por ele realmente aconteceu no período inicial, quando João Batista era ainda um homem livre. O incidente no templo é datado explicitamente: depois da festa de casamento em Caná e a breve estada em Cafarnaum, e antes da estada mais prolongada na Galiléia (Jo 2.1,12,13,23; 4.45). João sabia exatamente o dia e a hora em que os acontecimentos desse período inicial do ministério de Jesus aconteceram (Jo 1.29,35 2.1; 4.6,52,53). Sem dúvida, ele sabia muito bem o que estava fazendo quando datou a purificação do templo no início do ministério.

A história que João descreve é substancialmente diferente da purificação do templo posterior. Na verdade, o acontecimento posterior envolveu a paralisação de todas as atividades do templo (Mc 11.16). Jesus manifestou-se como o Senhor do templo: por isso perguntaram-lhe sobre o caráter e a origem dessa autoridade (Mc 11.28). O seu aparecimento constituiu-se numa séria ameaça para o templo — um templo que não o reconhecia como filho de Davi, mas que abrigava os assassinos que estavam procurando uma oportunidade para matar Jesus (Mc 11.9,10,18). O covil de salteadores que procurava a destruição do Messias (Mc 11.17) estava, por si mesmo, ameaçado de ruína, do mesmo modo que a figueira sem frutos estava próxima da destruição (Mc 11.12-14,20,21, que constitui a estrutura da narrativa da purificação do templo). Estão ausentes desse severo e repreensivo ato, no final do ministério de Jesus, algumas palavras da promessa do início: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei.” Essas palavras de João 2 dificilmente podem ter sido proferidas na purificação do templo no final. Nesse caso seria incompreensível que só as últimas falsas testemunhas, afinal, tivessem vindo com uma versão distorcida dessas palavras sobre o templo e que, mesmo assim, os depoimentos não

combinavam uns com os outros (Mc 14.55-59). Se Jesus tivesse proferido essas palavras a respeito do templo somente pouco tempo antes, e na presença de todos, o Sinédrio teria sabido disso. Agora, porém, as testemunhas tiveram de procurar, entre suas lembranças, por coisas que eletivesse dito em alguma ocasião. João 2 nos diz que essa declaração foi feita no início, quando o Sinédrio ainda não estava tão vigilante e desconfiado. A datação feita por João e o uso que, mais tarde, (segundo os outros evangelhos) foi feito das palavras do templo pelas falsas testemunhas, se encaixam.

As atividades que acompanham a declaração a respeito do templo em João 2 são também completamente diferentes das que aconteceram quando da segunda purificação do templo. Jesus expulsa, em primeiro lugar, não os cambistas (Mt 2.12; Mc 11.15; Lc 19.45), mas os animais sacrificiais que estavam sendo vendidos (Jo 2.14-16). Ele também não os acusou de fazerem do templo um covil de salteadores, mas de transformarem o templo numa casa de negócio. Não havia necessidade de que essa venda de animais tivesse prosseguimento — tinha chegado o verdadeiro Cordeiro, cujo zelo pela casa de Deus o consumiria. Jesus fez um azorrague de cordas (Jo 2.15) como aquele que era usado pelos vaqueiros e, assim, expulsou todas as ovelhas e todos os bois da área do templo (Jo 2.15). Esse azorrague não aparece na outra última purificação que se dirigiu contra as pessoas que estavam no templo. Mas isso ilustra a importância singular do episódio que ocorreu no início do ministério. Mais tarde os discípulos compreenderiam que a purificação era um sinal de sua própria morte sacrificial. Ele mesmo era o templo que seria destruído e reconstruído em três dias.

Em certo sentido, podemos concordar com os críticos que não houve duas purificações do templo praticamente idênticas. No início do ministério foi dado no templo um sinal que tinha a ver com o significado de Jesus para o povo de Israel. A purificação do templo no final diz algo sobre o iminente fechamento que ameaçava o templo, e sobre a autoridade de Jesus nessa casa de Deus. Essa diferença facilita levarmos a sério a datação de João e relacionarmos o sinal relatado em João 2 como pertencente ao período em que Jesus estava trabalhando ao mesmo tempo que João e demonstrou que seu poder e seu objetivo eram maiores.

6.5. Josefo Sobre João Batista

Mais ou menos corno uma digressão, devemos dar atenção a uma descrição extrabíbl ica do ministério de João. No capítulo 1 (1.2.2.1) tratamos do testemunho dado a respeito de Jesus por um historiadorjudeu do século I, Josefo. Josefo fala mais amplamente sobre João Batista. Escrevendo como uma pessoa de fora, ele não entende a relação que existe entre João e Jesus. Assim, ele fala do movimento popular que se formou em torno de João e o efeito agitador de seu ministério. Numa passagem não relacionada, Josefo menciona a vida da pessoa que se tornou conhecida em Roma como “Cristo”, graças ao surgimento do Cristianismo. O modo como Josefo trata a vida de Jesus mostra claramente que ele espera que seus leitores não-judeus estejam interessados. Mas sua abordagem é diferente quando se trata de João. Esse é um nome que é virtualmente desconhecido entre os não-judeus do Império Romano, e, Josefo,

de sua própria iniciativa, o introduz na discussão. Ele mostra como a história de João é parte integrante da história judaica que ele está contando.

Josefo vê essa relação orgânica quando descreve como Herodes Antipas foi derrotado por Aretas, rei de Nabatéia. Herodes tinha sido casado com uma filha de Aretas, mas mais tarde expulsou essa princesa para casar-se com Herodias. O ataque de Aretas a Herodes e à sua casa em resposta a esse insulto acabou em derrota para os judeus nos territórios governados por Herodes Antipas. Como os judeus avaliaram essa derrota? Josefo diz:

Mas a alguns dos judeus a destruição do exército de Herodes pareceu ser vingança divina e, sem dúvida, uma vingança justa, por causa do modo como tratou João, chamado o Batista.

Depois de apresentar essa informação histórica, Josefo volta no tempo e conta a história de João Batista:

Pois Herodes o tinha mandado matar, embora ele fosse um bom homem que tinha exortado os judeus a viverem uma vida justa, a praticarem a justiça em relação a seus companheiros e piedade para com Deus e, assim, se juntassem no batismo. De acordo com ele, isso era uma necessidade preliminar para que o batismo fosse aceitável a Deus. Eles não deveriam empregar isso para obter o perdão por quaisquer pecados que tivessem cometido, mas como uma consagração do corpo, implicando que a alma já estava totalmente purificada pelo proceder correto. E quando outros se juntavam à multidão ao redor de João, pois as pessoas ficavam extasiadas ao ouvir as palavras dele, Herodes ficou alarmado. A eloquência que exercia um tão grande efeito sobre a humanidade poderia levar a alguma forma de sedição, pois parecia que as pessoas seriam lideradas por João em tudo o que fizessem. Herodes decidiu, portanto, que seria muito melhor atacar primeiro e livrar-se dele antes que sua obra levasse a um levante, do que esperar por uma revolução, ficar envolvido numa situação difícil e arrepender-se de seu erro. Embora João, por causa das suspeitas de Herodes, tenha sido levado, acorrentado, para Macaero, a fortaleza já mencionada, e lá assassinado, no entanto, o veredito dos judeus foi que a destruição, que aconteceu com o exército de Herodes, foi uma vingança de João, desde que Deus julgou correto infligir essa derrota a Herodes.¹

Josefo escreve sobre João a partir de um ponto de vista específico: a relação entre a sua morte e a derrota de Herodes. Por causa desse foco estreito, Josefo nada diz sobre as coisas que são mencionadas nos evangelhos. Josefo não fala sobre o motivo do conflito entre Herodes e João: o fato de Herodes ter se casado com a mulher do seu irmão. Contudo, Josefo deve ter estado a par dessa ligação, pois sabia que as pessoas viram justamente na derrota, na luta contra Aretas, ajusta punição: Deus mostra que a ira de Aretas é justificada. Em outras palavras, ele dá razão a João. Herodes não poderia ter mandado a sua mulher embora para se casar com a mulher de seu irmão. Quando João repreendeu o

¹ *Antiquities* 18.5.2, parágrafos 116-119.

tetrarca a respeito disso, este o matou. Agora o próprio Herodes se torna a vítima de suas ações pecaminosas.

Josefo também deixa de lado os detalhes da execução de João: a decapitação que resultou da dança de Salomé e das intrigas de Herodias. Como não cristão, Josefo também não diz nada a respeito da referência que João faz a Jesus como aquele que viria depois dele. No relato de Josefo, todo o objetivo da pregação de João está faltando.

Não obstante, o seu relato dá uma confirmação das histórias dos evangelhos de um outro lado. Os evangelhos estão corretos quando escrevem que o ministério de João levou a um movimento popular. Evidentemente, Herodes foi levado a tornar urna ação contra João não apenas por causa da repreensão que recebeu dele, mas também por medo de que o povo poderia colocar-se ao lado do profeta nessa questão e dar origem a urna revolta religiosa contra o seu governo.

6.6. João é Preso e Jesus o Sucede

Os evangelistas relatam mais amplamente a prisão de João. Eles também interpretam isso como um sinal de Deus. Os evangelhos dizem que João “fora preso” (Mt 4.12; Mc 1.14). Nenhuma pessoa é mencionada como sendo a responsável pela prisão. O uso da voz passiva, muitas vezes, indica que é Deus que está agindo. João era muito amado, e quem iria querer entregá-lo a Herodes? Encontramos aqui uma alusão à direção divina: Deus dirigiu tudo de tal maneira que João acabou sendo levado à prisão de Herodes. Para Jesus, isso é um sinal de que ele devia iniciar o seu ministério corno aquele que veio depois de João, mas também — principalmente — que ele veio depois de um profeta que foi entregue às autoridades por Deus. Na prisão de João vemos o prenúncio da prisão do próprio Jesus. Corno a prisão de João está relacionada ao poder daquele que viria depois dele, que é maior do que João? Evidentemente, a prisão de João e sua morte de mártir estão de acordo corno o que estava para vir. João continuava a pavimentar o caminho para o Senhor: primeiro ele fez isso indo ao povo com sua mensagem e, agora, ele pavimenta o caminho com sua prisão e morte. Jesus o seguiria — primeiro pregando às multidões, e depois sendo preso e executado. Os sinais já apontam nessa direção: no seu evangelho, João diz que Jesus foi para a Galiléia sob a sombra ameaçadora da crescente rejeição. O profeta não era honrado na própria terra e retirou-se para o interior da Galiléia, a terra natal que ainda admirava os seus sinais (Jo 4.1-33, 43-45). Também Mateus usa o verbo “retirar-se” para descrever a ida à Galiléia (Mt 4.12). Não importa quanta atenção Jesus receberia na Galiléia por causa dos seus sinais, e não importa o quanto ele exercesse lá o seu ministério pelo poder do Espírito Santo (Lc 4.14,15) a partir do momento em que a sombra da prisão de João caiu sobre o ministério de “o mais forte que veio depois de João”, nem Deus nem Jesus a removem. Aparentemente, essa era uma tarefa importante de João como um precursor: para onde quer que o profeta fosse, o Messias seguiria. Não foi em vão que o profeta morto por Herodes refere-se a Jesus como o “cordeiro” de Deus que é oferecido pelos pecados do mundo.

Fonte: Capítulo 6 do livro *Cristo na Terra*, Jakob van Bruggen, Cultura Cristã.